

## O SAGRADO - SEU SIGNIFICADO E SUA PRESENÇA NA OBRA DE PAULO FREIRE "EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE"

### SACREDNESS - ITS MEANING AND ITS PRESENCE IN PAULO FREIRE'S BOOK "EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE"

Franklin Moreira VILLELA<sup>1</sup>

**Resumo:** O Sagrado é um fato que tem interessado a muitos estudiosos, sobretudo a partir de meados do século XIX, por causa da sua influência sobre a vida humana. Otto, Eliade, Caillois e Langer, procuraram, cada um na sua linha de pensamento, esclarecer o significado do sagrado. Essas análises conduziram a duas conclusões: primeiro, que o sagrado transcende o âmbito do religioso; segundo, que a sua vivência está ligada à educação. Esta segunda conclusão leva ao estudo da presença do sagrado na proposta educacional apresentada em *Educação como Prática da Liberdade*, de Paulo Freire. Tudo conduz à conclusão de que uma vivência do sagrado adequada depende de um adequado processo educacional.

**Palavras-chave:** Sagrado; Pesquisa Religiosa; Educação; Paulo Freire; Humanização.

**Abstract:** Sacredness is a fact which has interested many scholars, especially from the middle of the 19th century on, because of its influence on human life. Otto, Eliade, Caillois and Langer search for, each one of them according to their way of thought, clarifying the meaning of sacredness. These analyses led us to two conclusions: first, that sacredness transcends the religious scope; second, that to experience it is connected to education. This second conclusion leads us to study the presence of sacredness in the educational proposal presented in the book "*Educação como prática da liberdade*", by Paulo Freire. Everything leads us to the conclusion that a proper experience of sacredness depends on a proper educational process.

**Keywords:** Sacredness; Religious Research; Education; Paulo Freire; Humanization.

#### O SAGRADO PARA ALÉM DO RELIGIOSO

Nos últimos tempos têm surgido no mundo acadêmico, e fora dele, escritos e manifestações que parecem querer resgatar o sagrado e torná-lo mais intensamente presente nas atividades humanas. No campo acadêmico é crescente o número de teses e dissertações que de algum modo se referem

a ele. Além disso, pode-se citar, como exemplos de preocupação com o mesmo tema, a obra triológica *Caos, Criatividade e o Retorno do Sagrado*, dos pensadores anglo-americanos Abraham, McKenna e Sheldrake, e o livro de Ruy do Espírito Santo *O Renascimento do Sagrado na Educação*, para mencionar dois casos. Fora do campo acadêmico a pluralidade efervescente de

1 - Mestre em Filosofia Moral, professor de Filosofia e Filosofia da Educação na Universidade Guarulhos.

igrejas pentecostais e grupos carismáticos, os espetáculos impressionantes das igrejas das mais variadas confissões e a presença de pregações espiritualistas de todos os matizes, esotéricas ou não, afirmam a vitalidade do sagrado, uma realidade sempre muito misteriosa.

Que esta realidade nunca esteve totalmente ausente da vida humana o atestam as diversas ciências como a antropologia, a sociologia, a psicologia, a história e particularmente a história das religiões. O que possivelmente tem acontecido é uma interpretação inadequada desse fato tão marcante e tão enigmático. De início, o ser humano teria aceitado candidamente sua fragilidade diante de manifestações da natureza, com freqüência hostis. Depois, presunçosamente, teria se julgado suficientemente forte para combater como sintomas de fraqueza e ignorância desprezíveis a atitude daqueles que de algum modo apelavam para o sagrado. O que poucos fizeram foi debruçar-se sobre essa realidade intrigante para tentar compreendê-la e, assim, poder assumir uma postura realmente válida perante ela. Aqueles que despenderam esforços nessa direção, contribuíram, sem dúvida, para que o ser humano pudesse incorporar o sagrado como força positiva nas atividades de construção do mundo.

A partir de autores, como Rudolf Otto, Mircea Eliade, Roger Caillois e Susanne K. Langer, que buscaram apreender o significado e o alcance do sagrado, pode-se inferir algumas notas que permitem chegar a uma noção, não definitiva em termos absolutos, mas certamente esclarecedora, de tal modo que vivência de um fato tão enigmático ajude o ser humano a aprofundar o seu próprio desenvolvimento e a enriquecê-lo.

Seguramente o sagrado é um fato humano. Quer dizer: é um fato que só se

entende a partir do ser humano ou com referência a ele. Um fato que tem sido, e continuará sendo positivo para os humanos, pois não é um fato estático, definitivo, absolutamente pronto.

A isso se acresce um outro dado fundamental: ao estudar o sagrado os autores mencionados admitem sua referência à religião, embora alguns aceitem pelo menos a possibilidade de que o sagrado não seja apenas um fato religioso. O sagrado, portanto, tem sido, e continua sendo, considerado, a partir de uma perspectiva religiosa, mesmo que vários estudiosos percebam a necessidade de algum tipo de abertura: que se possa afirmar a presença do sagrado em outros setores da vida que não exclusivamente no âmbito da religião. Eliade já deixou claro: o sagrado estará sempre implícito no termo religião, desde que se entenda este conceito de modo muito amplo.

O sagrado é um fato religioso presente entre os povos arcaicos, o que ninguém nega. Continua sendo um fato religioso, pois permanece vivo nas manifestações de fé e crença dos grupos humanos modernos e contemporâneos, conquanto não do mesmo modo, nem no mesmo nível, como entre os povos primitivos. Enquanto fato religioso acompanha as diversas modalidades de vivência da religião através dos tempos. Mas, seguramente não é um fato exclusivamente religioso, o que se depreende dos autores estudados até aqui. Todos eles admitem diferentes apreensões do significado do sagrado: o ser humano, no decorrer da história, lidou de formas variadas com este fato enigmático, o sagrado. Todos eles aceitam uma certa evolução, pelo menos no que se refere às atitudes do ser humano perante ele.

Para Otto (1992), o sagrado é uma realidade *sui generis*. É uma realidade que aparece fora do eu e é também uma categoria *a priori* da razão. Inclui idéias de mistério, terror, fascínio, transcendência, acréscimo.

Apresenta-se como característica essencialmente religiosa. Embora enquanto categoria da razão esteja presente em todos os homens, não é sempre explícita; precisa, muitas vezes, ser despertada. É suscetível de um processo evolutivo. Sua manifestação passa de *formas grosseiras*, irracionais, para apresentações *mais organizadas*, racionalmente. É essencialmente um fato religioso.

Caillois (1988) também vê o sagrado como uma categoria, uma qualidade do ser. Não uma qualidade inata. É um acréscimo que sobrevem e transforma, dando novo significado ao objeto. Não é um valor moral, mas tem função própria: manter o ser, conservar a realidade. Seguramente, ultrapassa os limites da religião, embora possa coexistir e tenha coexistido com ela. Manifesta-se sobretudo como interdito e festa.

Eliade (1996) prefere ver o sagrado como uma experiência e, por isso, algo que, fundamentalmente, está no próprio homem. É uma experiência que coloca o ser humano diante de um fato inegável: a realidade o ultrapassa, mas o chama a integrar-se totalmente nela. A sacralização consiste exatamente na transformação das coisas: cada objeto, cada ser é ele mesmo e é mais do que ele mesmo. Torna-se sagrado quando recebe um novo significado, quando o homem descobre o seu dado transcendente. O espaço, o tempo, a natureza, o próprio homem são sagrados porque significam uma *abertura* para o eterno e para o infinito. Este fato não é exclusividade do homem religioso arcaico. Aparece também nas atitudes do homem moderno, denominado a-religioso.

Susanne Langer (1971) estende essa linha de pensamento: o sagrado resulta da capacidade humana de simbolizar, isto é, de atribuir novos significados e mesmo novos poderes. Os objetos, as coisas, os seres se tornam sagrados quando passam a indicar e expressar realidades que os transcendem.

Além disso, o sagrado influi sobre o ser humano. Provoca nele atitudes espontâneas e habituais. Com as primeiras — que podem estar, se não totalmente, pelo menos muito próximas do irracional — ele busca descarregar os sentimentos de medo, de terror, de admiração, de reverência e gratidão e de júbilo, que ocorrem diante do desconhecido. Com as atitudes habituais, organiza racionalmente suas manifestações e seu comportamento *religioso* adquire a fisionomia de demonstração tranqüila de convicções profundas. Finalmente, o sagrado transforma os seres e lhes atribui uma eficácia como doadores de Vida e de Morte. Pelo sagrado as coisas adquirem uma nova dimensão: tornam-se sacramentos.

Concluindo, pode-se dizer, a partir dos textos estudados, que o sagrado é um fenômeno humano. É um fenômeno humano porque só pode ser entendido no âmbito da vivência dos homens. É um fenômeno humano e, por isso, acompanha os processos porque passa o desenrolar da vida deste ser especial e enigmático, o homem. Aparece, inicialmente como ***coisa estranha***, *criações puramente naturais da imaginação primitiva* (Otto, 1992, p. 155). Acompanha o desenvolvimento das atitudes do homem perante a realidade que o cerca. Começa com um sentimento de medo e total submissão. Transforma-se em atitude de desesperado enfrentamento, apelando para meios inadequados, com a magia. Em seguida, numa atitude religiosa, busca fora de si e de seu mundo, em um poder externo, força e luz para superar suas fragilidades e seus limites. Purifica essa busca acreditando mais em si e na sua capacidade de criar um mundo mais humano, com posturas de confiança na ciência e na filosofia.

No entanto, além de ser um fato humano (ou porque é um fato humano), continua sendo convicção generalizada de que o sagrado é próprio e específico do mundo

religioso. Esse parece ser o pensamento de Otto (1992) e, parcialmente, também de Eliade (1996). Este observa: o sagrado pode ser explicado no âmbito da religião, sim, mas, em dependência do que se entende por religião. Em outros termos, ele sugere que o sagrado possa ultrapassar os limites do religioso, pelo menos de um tipo muito restrito de religioso. Aqui caberia a pergunta: poderá o ser humano continuar humano sem a religião?

Além de Caillois (1988) e Langer (1971), cujas colocações indicam uma concepção mais aberta do sagrado, nos últimos tempos têm aparecido muitas afirmações no sentido de falar na superação dos horizontes religiosos, entre os quais deve-se mencionar o *Movimento da Morte de Deus*. Este Movimento não quer eliminar o sagrado da vida dos homens. Pelo contrário afirma a necessidade de uma visão mais adequada do sagrado. O pensamento religioso, segundo este Movimento, não satisfaz mais às necessidades de sagrado do homem moderno: *Só afirmando resolutamente o profano é que o homem encontrará o sagrado* – afirmam Altizer e Hamilton (Bent, 1968, p. 107).

Se o sagrado não é necessariamente o religioso, o que é o sagrado? Os autores estudados indicam alguns termos que permitem uma tentativa de reconstrução do significado do sagrado: **símbolo, transcendência, acréscimo, abertura, passagem, renovação, mistério**. Assim o sagrado aparece como um símbolo, isto é, o objeto sagrado tem um significado novo, descoberto ou atribuído ao ser que aí está. Este novo significado indica que o ser (sagrado) é misterioso e, sobretudo, mostra sua transcendência em relação aos aspectos comuns com que aparece para o homem. Este novo significado acrescenta algo ao ser; dá-lhe uma força nova, que permite ao homem atingir (abertura, passagem) realidades muito mais profundas, do ser em geral e do ser humano em especial.

Estas categorias predicativas que nos permitem perceber o sagrado, podemos encontrá-las em outras dimensões da vida. Na poesia, por exemplo. Estas categorias do sagrado dependem do homem para aparecer no objeto, em qualquer objeto.

O sagrado é, pois, principalmente um dado subjetivo: o ser humano constrói e/ou faz aparecer o sagrado. Tanto é verdade que a manifestação do sagrado (hierofania) é diversa nas variadas culturas. Atesta-o a História das Religiões. Afirma-o a própria História das Religiões Judaico-Cristãs. É impressionante a importância dos espaços sagrados no Antigo Testamento, a começar pelo Jardim do Éden, passando pela indicada Terra de Canaã (indicada a Abrão), a Terra Prometida aos Hebreus, o Templo de Jerusalém e a postura de Jesus Cristo, que dizia: *o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça* (LC 9, 58).

O sagrado é, pois, um predicado do ser, que provoca atitudes no homem. Talvez, tenham razão os povos primitivos para quem, segundo Eliade (1989), o sagrado é tudo; o não-sagrado é nada. É hora, então, de parar e perguntar: Não estarão mais corretos os primitivos que os modernos? O que fazer? Jean Houston, no preâmbulo da obra *trialogal* de Abraham et al. (1998, p. 18), *Caos, Criatividade e Retorno do Sagrado*, afirma: *Vivemos no Caos, que podemos ter criado com o objetivo de demolir as velhas estruturas que já não nos sustentam. Durante a nossa vida, as grandes culturas de sustentação passaram da agri-cultura para a fabri-cultura, depois para a tecno-cultura e, finalmente, para a oni-cultura*. O autor parece sugerir um caminho de resposta às perguntas acima formuladas. É preciso aceitar o processo de **eterno retorno**, mas um retorno que signifique, por paradoxal que seja, um passo à frente. Vale dizer: os primitivos estavam corretos, mas de modo algum

perfeitamente corretos. Pode-se aceitar deles, não a afirmação de que só o sagrado existe, mas a convicção de que todas as coisas estão prenhes de sacralidade. Cabe ao homem descobrir o sagrado presente no ser. Como disse Leonardo Boff, *os semiólogos antigos e modernos viram muito bem que as coisas, além de constituírem um sistema de signos, são sílabas de um grande alfabeto; e o alfabeto está a serviço de uma mensagem inscrita nas coisas, mensagem que pode ser descrita e decifrada para quem possui os olhos abertos* (Boff, 1975, p. 9). Estas palavras são uma reafirmação aprofundada e esclarecedora do que haviam dito Langer (1971) "a mente humana constrói os **sacra** através de sua capacidade de criar símbolos", Otto (1992) "o ser humano possui uma **disposição** para o conhecimento do sagrado", Eliade (1989) "a experiência do sagrado abre a visão de mundo para o universal" e Caillois (1988) "a experiência do sagrado vivifica atribuindo às coisas qualidades que elas não possuem por si mesmas".

Em suma: o sagrado está no mundo, mas cabe ao homem lê-lo, o que exige a sua alfabetização. Ou, melhor dizendo, o ser humano é chamado a ser continuamente realfabetizado, isto é permanente e corretamente educado para que consiga ler adequadamente o sagrado presente em tudo. Ler e perceber que o sagrado, em vez de amedrontar, pode antes alegrar, pois liberta o homem para, confiantemente, buscar o infinito. Ler e perceber que o sagrado não deve ser simplesmente instrumentalizado para exigir condutas, nem usado ideologicamente para gerar atitudes. O sagrado não é um dado estático limitador. É uma força à disposição do ser humano. Uma força que só um processo educacional adequadamente realizado permitirá ser cada vez melhor usufruída pelos humanos. Esta visão positiva está presente nestes versos de Ruy do Espírito Santo:

### *Tangenciar o sagrado*

*O Sagrado permeia toda a realidade humana.*

*Até as Academias, mergulhadas na razão, o sentem.*

*Vivemos tempos fantásticos:*

*Da psicologia transpessoal aos campos morfogenéticos.*

*A humanidade vem crescendo e se "consciencializando".*

*Da fé primitiva, que se nota nas antigas tradições,*

*Chegando à busca cartesiana da verdade científica,*

*E se abrindo, no século XX, ao conhecimento.*

*Esse conhecimento tem sido chamado de "holístico",*

*de visão "interligada do universo",*

*de "perspectiva gaia",*

*de "nova era", pelo senso mais comum...*

*Não importa a denominação.*

*As palavras são sempre frágeis para conter as verdades.*

*Importa, isto sim, que se considere este momento,*

*sem nos escondermos nos exclusivos limites da razão...*

*Diria que **acordar** para este momento  
É o imperativo para todos nós  
buscadores de sentido.*

*O que proponho é busca,  
andaimos para a construção que se vai  
fazendo...*

*Tangenciar o Sagrado é descobrir a  
magia do ser humano,*

*Sua significação e sua grandeza.*

*É tirar de **mais dentro**,*

*O que até agora procurávamos nas  
estrelas.*

(SANTO, 1998, p.11)

## O SAGRADO NA EDUCAÇÃO

Os autores estudados admitem todos um processo de esclarecimento quanto ao significado do sagrado na vivência dos homens. Falam mesmo em uma pré-religião (Otto, 1992, p. 162 e seguintes), em que o sentimento do numinoso aparece em forma embrionária, obscura; é uma força que se mostra violência arrebatadora, que só provoca arrepios de medo. É o **sentimento de criatura**, o sentimento de ser nada perante **aquele que é**. Só mais tarde aparece o **sentimento de admiração**. O **sentimento de Filiação** surge, apenas com o Cristianismo, pelo menos em uma expressão plenamente explícita: *Porquanto não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no terror, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual chamamos: Aba! Pai!* (ROM 8,15).

O sagrado não é um sentimento estático. Há um processo de purificação ou aperfeiçoamento: o sagrado tem suas manifestações iniciais na pré-religião, mostra-se presente na religião e continua vivo na pós-religião. Integra o processo de humanização do animal racional no decorrer da história dos homens. Se Deus é o sagrado na sua plenitude, e personificado, a maneira com que o ser humano lida com essa realidade, Deus, mostra bem o paulatino esclarecimento do significado do sagrado.

Diz Harvey Cox, referindo-se a uma discussão sobre a existência de Deus, levantada por Helmut Gollwitzer: *Empregamos (o termo Deus), algumas vezes, para nos referirmos a uma categoria de seres, como quando falamos dos "gregos e seus deuses". Em segundo lugar, o empregamos para designar o ser supremo da metafísica. Em terceiro lugar, usamo-lo para dar nome Àquele que se revela através do testemunho bíblico.* (Cox, 1968, p. 268).

Cox faz parte de um grupo de pensadores cristãos que quer levar às últimas conseqüências a idéia de que a percepção de Deus e, portanto do sagrado, sofre um

processo de maturação e esclarecimento. Na linha do pensamento de Hegel, para quem Deus não é o que é, mas o que se realizará na História, Cox afirma: *O desencantamento da natureza começa com a Criação, a dessacralização política com o Êxodo e a desconsecração de valores com o Pacto do Sinai, e especialmente com a proibição dos ídolos* (Cox, 1968, p. 28).

Como se percebe, Cox encontra, no próprio texto bíblico, elementos que lhe permitem falar de um processo, é bom insistir, de purificação do sentimento do sagrado. Usa a palavra dessacralizar. Não pretende, porém, destruir o sagrado. Quer apenas que os cristãos tenham uma atitude diferente, uma atitude, pode-se dizer, mais madura, diante do fenômeno do sagrado. É nesse sentido que afirma: *Sistemas de valores altamente díspares podem coexistir dentro de uma sociedade, na medida em que repudiem o privilégio de derrotarem os outros a ferro e fogo. Mas, mesmo este repúdio exige um grande passo da parte daqueles ainda emaranhados em seguranças míticas e metafísicas. Libertá-los para a maturidade é obra de Deus na Criação, Êxodo e Sinai. Chamá-los para a maturidade é a tarefa da comunidade de fé* (Cox, 1968, p. 47-48).

A maturidade perante o sagrado é, certamente, um desafio maior para o homem moderno e pós-moderno. Que tem sido desafiante para os homens de todos os tempos, o atestam os ritos de iniciação presentes na vida de todos os povos, inclusive dos povos modernos. É um desafio porque o charme da irresponsabilidade infantil é uma tentação muito forte e muito próxima do ativismo tecnológico. Está aí a explicação para o grande número de organizações de caráter religioso que ensinam técnicas de conversão!

Harvey Cox, em obra, cujo título é muito sugestivo, afirma, inicialmente, que, *embora raramente pense nisso, o homem se*

reconhece como aquele animal que deve tomar decisões. Posteriormente insiste em que transferí-las (as decisões) para outrem, seja para Deus ou para a Igreja, é uma traição à sua natureza humana (Cox, 1970, p. 1 e 3). Essa atitude de assumir as próprias decisões, e não transferí-las para nenhum outro ser, ou organização de qualquer tipo, é uma vocação humana. Vivê-la é caminhar na maturidade. Isso vale para todos os campos da vida, inclusive no que se refere ao sagrado.

Liegé, em um admirável texto sobre a maturidade humana e a maturidade cristã, dizia que o tema da idade adulta não é simples moda, mas uma necessidade frente à inadaptação de muitos homens às realidades do mundo. E concluía: *Superar a infância e a adolescência não é luxo ... mas uma necessidade ... Eis aí um objetivo que toda educação atual deve abertamente buscar, porque, para atingir a idade adulta, não basta falar a respeito dela* (Liegé, 1965, p. 7).

Buscar a maturidade em todos os campos é missão de todos os homens perante todas as realidades e também perante o sagrado. Não é o sagrado que deve decidir pelo homem. É o ser humano que, diante do sagrado, isto é, diante de um sagrado cada vez menos aterrorizante e sempre mais fascinante e iluminador, é chamado a assumir sua responsabilidade pelo caminhar da vida que se manifesta sempre mais fantástica e crescentemente deslumbrante. Parodiando Vanhanian, poder-se-ia dizer: o sagrado morre, perde a sua força quando se torna um ídolo, um acessório cultural ou um ideal humano.

O sagrado não é um dado estático, inerte. É uma força que puxa o homem e lhe permite olhar para além dos limites imediatos. Não é também uma estrela longínqua, que o homem de hoje jamais verá. É um mistério que o ser humano descobre e, uma vez descoberto, lhe dá a oportunidade de

vislumbrar riquezas inefáveis e de tornar a sua vida mais rica na sua completude. O sagrado é uma hierofania cuja experiência sofre um processo de maturação. Isso aconteceu com o sagrado das religiões primitivas. Isso se deu, e ainda se dá, no cristianismo.

Assim a testemunha Mirgeler ao afirmar: *O Cristianismo de Carlos Magno e dos seus teólogos não é, nem o Cristianismo das primitivas comunidades, nem o da Igreja dos Mártires, nem ainda o dos teóricos eclesiais gregos* (Mirgeler, 1967, p. 23). Isto mostra que, se o Cristianismo, um fato relativamente recente na história dos homens, já se apresentou em diferentes formas de vivência, com muito mais razão é compreensível a diversidade de posturas do ser humano perante o sagrado, fenômeno este possivelmente tão antigo quanto o próprio homem. O que não impede a busca de uma vivência sempre mais adequada deste fato, certamente sempre melhor conhecido e mais profundamente experimentado. Usando palavras de Liegé sobre a maturidade, pode-se dizer também a respeito do sagrado que se trata antes *de um caminho que de um termo, o qual jamais se poderá atingir perfeitamente* (Liegé, 1965, p. 7). As relações do homem com o sagrado deverão ser vividas nesse sentido de caminho e aprofundamento. De certa maneira, voltando aos primórdios para dar um passo à frente. É um processo contínuo e vital. É um processo educacional.

É um processo educacional porque a sua vivência, quando adequadamente compreendida, possibilita a progressiva humanização do animal racional. Há uma verdadeira simbiose: o sagrado, de seu lado, coloca o ser humano perante o misterioso, que lhe mostra os seus limites e lhe descortina surpreendentes horizontes; a educação, por sua vez, pode ser vista como um convite ao ser humano para aproximar-se destemi-

damente do mistério tremendo e fascinante, para compreendê-lo cada vez melhor, para transformar o seu significado e colocá-lo como degrau sólido e eficaz na escalada do seu próprio desenvolvimento. A educação tem a função de levar o homem a ser um Édipo que, diante do enigma da realidade opressora e/ou desafiadora, corajosamente decifra-a e atribui-lhe um significado.

Sagrado e educação não são fatos antagônicos, embora muitas vezes tenham sido assim considerados. Muitos educadores, sobretudo através da sua vivência, mostraram a compatibilidade desses dois fatos. Um deles foi o Professor Paulo Freire.

### **O SAGRADO NA OBRA DE PAULO FREIRE EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE**

Paulo Freire é um educador cristão. Enquanto educador tem uma preocupação com o desenvolvimento libertador do ser humano. Enquanto cristão tem um relacionamento específico com o sagrado: menos terror e fascínio paralisantes; mais coragem, esperança, confiança e liberdade. Não consta que tivesse uma preocupação manifesta em propor uma educação que levasse o educando a uma vivência mais ou menos intensa do sagrado. Nem tão pouco teria proposto uma pedagogia que condenasse atitudes de medo ou de êxtase perante manifestações do sagrado. Nenhuma referência explícita, da qual se pudesse dizer: aqui Paulo Freire propõe uma educação para ou contra o sagrado. No entanto, educador cristão, dedicado a um trabalho que levasse ao melhor aperfeiçoamento possível do ser humano, não poderia simplesmente omitir na sua totalidade qualquer referência a este fato fundamental na construção do humano. Por isso pululam na sua obra termos como transcendência, integração, libertação, trânsito, diálogo, crescimento, esperança e semelhantes, todos eles termos muito

significativos no âmbito do sagrado. Depreende-se daí que há muitos pontos de contato entre a proposta pedagógica de Paulo Freire e a vivência do sagrado. Pelo menos da vivência do sagrado na perspectiva genuinamente cristã.

Paulo Freire, já foi dito, é um cristão. Um cristão que quer para todos os homens a liberdade de Filhos de Deus. Sua obra é um eco das palavras do apóstolo de quem, possivelmente herdou o nome: *É para que sejamos homens livres, que Cristo nos libertou* (GAL 5,1).

O próprio título da obra, que aqui se estuda, é demonstrativo de que o autor propõe uma pedagogia que não se coaduna com um sagrado aterrorizador, escravizador, limitador. A educação, para Paulo Freire, liberta. Só é educação porque liberta. Entretanto, é preciso observar que para este educador brasileiro a educação libertadora não é um ato instantâneo. É um processo, condicionado pela consciência da transcendência, pela busca da integração, pela aceitação da passagem, pela experiência do diálogo, todos elementos que integram o sagrado, seja na sua vivência pelos povos arcaicos, seja na sua vivência pelos povos modernos. Todos, como já foi observado, termos presentes nos escritos do educador pernambucano. Deles, neste estudo, se privilegiam os termos **transcendência, integração, sujeito, trânsito e diálogo.**

Paulo Freire, nesta sua obra *Educação como Prática da Liberdade*, começa afirmando que o ser humano é um ente de relações: *É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações, e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo* (Freire, 1986, p. 40). O ser humano é um ser de relações, isto é, um **eu** que responde aos desafios propostos pelo **não-eu**. Um eu que percebe a sua transcendência, que está também na raiz de



sua finitude. Quer dizer: o ente humano percebe que não só está no mundo, com todos os seus limites, mas percebe ainda que é chamado a ultrapassar esses limites. Mircea Eliade já afirmara que o ser humano se sacraliza à medida que realiza *a passagem de uma situação limitada a uma situação incondicionada, que lhe permite a busca da plena liberdade* (Eliade, 1996, p. 143). É o que escreve Paulo Freire: *A sua transcendência está também, para nós, na raiz de sua finitude. Na consciência que tem dessa finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acaba na ligação com seu Criador. Ligação que pela sua própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação... Exatamente porque, ser finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua fonte. Que o liberta* (Freire, 1986, p. 40). Para ele, portanto, o ser humano é chamado a viver a transcendência que o conduz ao sagrado, pois só assim realiza a plenitude do seu ser. Para isso, não basta que tenha consciência da sua transcendência. Só a realiza à medida que se integra ao seu mundo. Por paradoxal que possa parecer, o ser humano só é verdadeiramente transcendente quando se enraíza no seu mundo, pois, apenas como ser integrado é capaz de dar um significado adequado tanto a si mesmo como ao mundo que o cerca. A integração não é *a simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera do contato ou sintoma da sua desumanização* (Freire, 1986, p. 42). A integração leva o ser humano a ser sujeito. Integrando-se com o mundo, dá-lhe o devido valor e, ao mesmo tempo, valoriza-se a si mesmo. Diferente da integração é a adaptação, com a qual o ser humano faz-se objeto, aceitando todas as situações e condicionamentos do ambiente. Nesse caso, ele estaria vivenciando, quando muito, um sagrado de terror, quando não permanecesse apenas mais um objeto na natureza. Isso pode acontecer, e tem

acontecido, nas situações as mais diversas, seja nos tempos arcaicos, seja nos tempos tecnologicamente muito desenvolvidos. Esse tipo de sagrado escraviza. Paulo Freire, participante de uma visão de vida, que só aceita o sagrado numa linha genuinamente cristã, isto é, numa linha em que o sagrado é libertador, proclamou: *Uma das grandes, se não a maior tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir* (Freire, 1986, p.43). Quer dizer: ele propõe um processo educacional que procure levar o ser humano, todos e cada um, à realização de sua vocação de consciência do mundo. *E quando (o homem) julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito* (Freire, *op. cit.*).

Paulo Freire quer que o ser humano seja o sujeito. Sujeito que dialogue, que converse com o mundo. Sujeito que aceite e viva os termos de Leonardo Boff: *O homem é o ser que é capaz de ler a mensagem do mundo. Jamais é um analfabeto. É sempre aquele que na, multiplicidade de linguagens, pode ler e interpretar* (Boff, 1975, p. 9). Paulo Freire propugna por um processo educacional que leve o homem a dialogar com o mundo. Isto é, sustenta a necessidade de uma atitude, certamente não igual, mas seguramente semelhante à do homem religioso arcaico. Pelo menos à postura do homem religioso arcaico que aparece neste trecho de Eliade: *Num Mundo como esse (dos mitos, do sagrado), o homem não se sente enclausurado em seu próprio modo de existir. Também ele é **aberto**. Ele se comunica com o Mundo ... Se o Mundo é transparente para o homem arcaico, este sente que também é **olhado** e compreendido pelo Mundo ... Apesar de saber que é um ser humano e de se aceitar*

como tal, o homem das sociedades arcaicas sabe que também é algo mais (Eliade, 1972, p. 126-7). Eliade se refere ao homem que aceita a revelação dos mitos, fala do homem que passa pela experiência do sagrado. Paulo Freire também quer que o ser humano, como sujeito se integre ao mundo, leia-o, interprete-o, dê-lhe um sentido: *A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor* (Freire, 1986, p. 43).

Um outro termo presente nesta obra de Paulo Freire que suscita pensamentos ligados ao sagrado é a palavra **trânsito**. O Prof. Freire, ao usar este termo, referia-se imediatamente a uma situação concreta, situada no tempo e no espaço, e falava da passagem de uma sociedade fechada para uma sociedade aberta, realizada através do estágio de uma sociedade em trânsito. De fato, toda e qualquer sociedade viva e dinâmica é uma sociedade em trânsito. O que pode facilmente acontecer é a ignorância quanto ao fato de pertencer a uma sociedade em trânsito. Parece, por conseguinte, ser propósito do educador Freire, embora atendo-se a uma situação específica, despertar muitos outros educadores para que atentem e trabalhem com os educandos no sentido de aceitarem o fato da transitoriedade de seu momento e do valor desta situação. Sem a preocupação de estar se referindo ao sagrado, com a palavra trânsito Paulo Freire realça a realidade da **passagem** que tanto Otto, como Eliade, como Caillois mencionam como um elemento presente na vivência do sagrado dos povos religiosos. Há uma preocupação no âmbito do sagrado com o rito da passagem, com a busca da passagem que permita ao homem sair de um mundo pobre, sem sentido, sem esperança, para um mundo de pleno significado. É esse tipo de

passagem que postula Paulo Freire, quando escreve ser necessário ao homem viver o trânsito. Distingue trânsito e mudança. Esta acontece independente do ser humano que, muitas vezes, *percebe apenas que os tempos mudam, mas não percebe a significação dramática da passagem, se bem que a sofra. (O trânsito) é mais do que simples mudança. Ele implica nessa marcha acelerada que faz a sociedade à procura de novos temas e de novas tarefas* (Freire, 1986, p. 45-6).

Os estudiosos do sagrado, Eliade (1996), por exemplo, ao mencionarem os ritos de passagem, se referem a situações em que é exigido do indivíduo demonstrações de crescimento e de disposição para novas posturas na vida. Querem que os mesmos passem por um verdadeiro processo educacional. É nessa linha que Paulo Freire quer uma educação para o trânsito, isto é, para a procura, como ele disse, *de novos temas e de novas tarefas*. Que o educando seja preparado não só para aceitar as inevitáveis e naturais modificações do mundo e da sociedade. Que ele tenha a *cabeça bem feita*, para usar uma expressão de Morin, e busque novos modos de viver; que ele não se contente com a velha e pisada trilha já muito percorrida; que ele seja provocante e descubra caminhos inovadores. Se necessário, volte ao passado, mas para, com mais segurança, dar um passo à frente. Que queira, porém, as mudanças na direção correta: que as novidades façam-no caminhar no rumo de sua verdadeira realização. Que o ajudem a se humanizar. Isto só será possível com uma atitude de abertura ao diálogo, seja com o mundo, seja com os outros homens.

O diálogo é o instrumento por excelência em uma outra passagem essencial no campo da educação: a passagem da consciência ingênua, através da consciência mágica, para a consciência crítica. Na consciência ingênua, o ser humano, afirma Paulo Freire, concordando com Álvaro Vieira

Pinto (1994), *se crê superior aos fatos, dominando-os de fora e, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada*. Na consciência mágica, o homem *capta os fatos, emprestando-lhe um poder superior ... É próprio desta consciência o fatalismo que leva ao cruzamento dos braços*. Com a consciência crítica, *que é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica* (Freire, 1986, p. 105-6), o ser humano submete toda a realidade à sua análise – *o que é autêntico hoje, pode não o ser amanhã* – pois só assim será realidade a integração do homem com o mundo. Para a consciência ingênua, o mundo é aquilo que lhe aparece. Na visão dos povos arcaicos o mundo da consciência ingênua é um mundo sem significado, um mundo puramente natural. A consciência mágica transforma fatos e coisas da natureza em algo sagrado amedrontador e paralisante, provocando posturas fatalistas. Só a consciência crítica leva o homem a **dialogar com o mundo**. Sem esse diálogo *que se nutre do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança* (Freire, 1986, p. 107), não há conhecimento do mundo, não há integração com a natureza, não há humanização do *animal racional*. Vale dizer: só a consciência crítica permite ao ser humano reconhecer adequadamente o sagrado presente em tudo e em todas as coisas. Não o sagrado que paralisa com o medo diante do *mysterium tremendum*. Nem o sagrado que deixa o homem estático, estupefato perante o maravilhoso *totalmente diferente*. Mas um sagrado que lhe permite ver que tudo é dele, que tudo depende dele. Um sagrado que lhe transfere a responsabilidade pela construção do seu mundo. Um sagrado que o oriente no sentido de superar a cegueira esterilizante da consciência ingênua e o fatalismo inibidor da consciência mágica. Um sagrado que fertiliza, gera e nutre uma prática construtora de um mundo melhor. Um sagrado verdadeiramente libertador porque produz no homem, de um lado, a humilde

postura de quem reconhece em todas as coisas surpreendentes riquezas inefáveis; de outro, porque desperta nele a altiva convicção de que depende dele descobrir o exato significado das coisas, pois ele é o **sujeito** da construção do seu mundo. Só assim, com a consciência de que ele é o sujeito *fazedor* do mundo e *fazedor* de si mesmo é que – para usar as derradeiras palavras de uma das últimas obras do grande educador – **faria de si mesmo gente melhor. Gente mais gente**. (Freire, 1997, p. 165).

### FINALIZANDO ...

A partir do estudo de autores que buscaram entender o significado do sagrado pode-se chegar à conclusão de que o mesmo é um fenômeno que impregna a vida dos humanos. De todos. Dos religiosos e daqueles que se pretendem a-religiosos. Isto porque a manifestação do sagrado ultrapassa os limites da religiosidade e atinge a Vida. Ali onde há vida humana, está presente o sagrado. É nesta linha de pensamento que o Prof. Waldecy Tenório (1996), citando Octávio Paz, afirma que *o ato poético se insere na zona do sagrado, que ele atinge por meio do salto* (Tenório, 1996, p. 164). Evidentemente, não é só o ato poético que se insere no âmbito do sagrado. É a vida toda do ser humano que é banhada pelo sagrado, ou, pelo menos, é suscetível de ser mergulhada nele. É por isso que Eliade prefere falar na experiência do sagrado: o sagrado é algo que se experimenta. É por isso que Susanne Langer fala do sagrado como resultado da capacidade humana de produzir símbolos. É por isso que Caillois afirma que o sagrado é um acréscimo, que permite a conservação e a renovação do ser. É por isso que Otto afirma ser o sagrado uma disposição *a priori*, que põe o ser humano diante do *mysterium tremendum*. Quer dizer, todos esses autores estão afirmando que o sagrado é algo que está no ser humano: experiência, capacidade, acréscimo, disposição. Ou, que a experiência

da transcendência, a capacidade de dar um novo significado, a atitude de acrescentar uma força renovadora e a disposição para perceber o extraordinário, mergulham o ser humano na zona do sagrado, mesmo que esta zona seja o próprio homem, para parodiar uma expressão de Octávio Paz, que afirma: *A experiência poética, como a religiosa, é um salto mortal em direção à outra margem, que está em nós mesmos.*

Como se percebe, não é fácil falar do sagrado. Ele está presente na vida dos homens, influi sobre as suas atitudes. Ao mesmo tempo que limita, promove a liberdade. Apresenta-se como violência incontida. Mas, em última análise depende do homem. É o ser humano quem descobre o sagrado. Descobre, no sentido de desvelar, *tirar o véu de*. É o ser humano quem é capaz de ver para além das aparências imediatas.

Evidentemente, esse desvelar do sagrado, não acontece por acaso, não é um fenômeno instintivo. É preciso que ele seja, no mínimo, despertado, como dizia Otto (1992). Ele emana do poder humano de atribuir significado, afirma Langer. Em qualquer hipótese é cada humano quem determina o seu sagrado. Cada um de acordo com a sua cultura e com as oportunidades educacionais que lhe aconteceram. O sagrado se apresenta como um fenômeno ambíguo, para usar o termo de Caillois (1988): atrai e repele; indica limites e descortina horizontes sempre mais amplos. Será o sagrado do "Pagador de Promessas", que não consegue ver para além do seu compromisso imediato. Será o sagrado do poeta João Cabral, de quem Waldecy Tenório faz a seguinte observação: *É também assim que a teologia está presente na poesia de João Cabral. O poeta grita até mesmo no quarto dos santos e chega a temer que isso seja blasfêmia. Não é. Blasfêmico teria sido o silêncio. Esta poesia, ao contrário, fala a linguagem da teologia de Rahner, para quem a vida, com seu valor sacramental, é e será sempre paixão incompreensível* (Tenório, 1996, p. 164).

O significado do sagrado depende pois, do homem. Pode significar segurança, enlevamento, entusiasmo, paixão.

O sagrado traz segurança. É a vela benta que afasta a tempestade e a ferradura que protege contra os invasores. São as rezas populares e as promessas de todos os tipos.

O sagrado enleva e entusiasma. São os salmos bíblicos e as orações litúrgicas. É a balada do poeta, a música do compositor, a tela do pintor, a estátua do escultor. É a horta do agricultor, o caminhão do motorista, as agulhas da tricoteira.

O sagrado é paixão vivificante. É a escola, os seus apontamentos e os seus alunos, para o professor. É o professor para os estudantes. Foi um professor de ensino fundamental para os alunos e para a comunidade de Concórdia: *Todas as vezes que a memória se volta para o professor Mansueto, vê-se mais do que o professor Mansueto. Ele visibilizava e historicizava aquilo que era maior do que ele: a abnegação, o amor ao próximo, a dedicação extrema* (Boff, 1975, p. 47).

O sagrado é a vida em todas as suas dimensões. O sagrado é e será o que o ser humano quiser. O que ele quiser e puder apontar como sagrado. Poder apontar o sagrado, desvelá-lo, está no homem. Descobri-lo ou inventá-lo na sua mais adequada expressão depende do amadurecimento do ser humano. Depende da sua educação. Infelizmente, este talvez seja o grande drama da humanidade: não há educação para todos os seres humanos. E muitos sistemas que pretendem educar os homens, são, para usar uma expressão de Saint-Exupéry *máquinas de entortar homens.*

É o mesmo Saint-Exupéry quem narra a seguinte cena de uma viagem em um trem apinhado de imigrantes: *E continuo minha*

*viagem entre uma população de sono turvo e inquieto. (...) Sento-me diante de um casal. Entre o homem e a mulher a criança, bem ou mal, havia se alojado, e dormia. Volta-se, porém, no sono, e seu rosto me aparece sob a luz da lâmpada. Ah, que lindo rosto! Havia nascido daquele casal uma espécie de fruto dourado. Daqueles pesados animais havia nascido um prodígio de graça e encanto. Inclinei-me sobre a fronte lisa, a pequena boca ingênua. E disse comigo mesmo: eis a face de um músico, eis Mozart criança, eis uma bela promessa da vida. Não são diferentes dele os belos príncipes das lendas. Protegido, educado, cultivado, que não seria ele? (Saint-Exupery, 1972, p. 154-5).*

Saint-Exupery queria um processo educacional que possibilitasse àquela criança a oportunidade de perceber e vivenciar o sagrado expresso na música. Quantas crianças e quantos homens precisam do apoio de uma educação para superarem a experiência de um sagrado que amedronta e que aprisiona? Quantos jovens e adultos necessitam de uma educação que os liberte da inércia paralisante, do êxtase sufocante e lhes permita participar do grito entusiasmado de Severino diante da vida que se manifesta. Todos eles, crianças, jovens, adultos, todos os humanos precisam de um processo educacional que os liberte para ver o sagrado, não como réus diante do juiz severo e implacável, mas como filhos confiantes diante do pai amoroso. Todos precisam de uma linha educacional que possibilite a cada ser humano desvelar o sagrado autêntico. Que cada um possa fazê-lo por livre escolha, com toda a liberdade. Para isso é preciso vivenciar as palavras do educador Paulo Freire: **O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem, é ajudá-lo a ajudar-se** (Paulo Freire, *Educação como Prática da Liberdade*, 1986, p. 58).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, R.; McKENNA, T.; SHELDRAKE, R. 1998. *Caos, Criatividade e o Retorno do Sagrado*. São Paulo, Cultrix/Pensamento. 226 p.
- BENT, C. 1968. *O Movimento da Morte de Deus*. Lisboa: Moraes Editores. 341 p.
- BOFF, L. 1975. *Minima Sacramentalia: Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes. 80 p.
- CAILLOIS, R. 1988. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70. 181 p.
- COX, H., 1968. *A Cidade do Homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 303 p.
- COX, H. 1970. *Que a serpente não decida por nós*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- ELIADE, M. 1972. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva. 179 p.
- ELIADE, M. 1989. *Origens*. Lisboa: Edições 70. 205 p.
- ELIADE, M. 1996. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes. 191 p.
- FREIRE, P. 1997. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra. 165 p.
- FREIRE, P. 1986. *Educação Como Prática da Liberdade*. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 122 p.
- LANGER, S.K. 1971. *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva. 301 p.
- LIÉGÉ, A. 1965. *Adultos em Cristo*. São Paulo: Herder. 101 p.
- MIRGELER, A. 1967. *Cristianismo e Ocidente*. São Paulo: Herder. 211 p.
- MORIN, E. 2000. *A Cabeça Bem-Feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 128 p.
- OTTO, R. 1992. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70. 229 p.
- PINTO, Á. V. 1994. *Sete Lições Sobre Educação de Adultos*. 9ª ed. São Paulo: Cortez. 118 p.
- SAINT-EXUPERY, A. 1972. *Terra dos Homens*. 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 155 p.
- SANTO, R. C. E. 1998. *O Renascimento do Sagrado na Educação*. Campinas: Papirus. 120 p.
- TENÓRIO, W. 1996. *A Bailadora Andaluza*. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial. 178 p.
- VAHANIAN, G. 1966. *La Morte di Dio*. Roma: Ubaldini Editore. 202 p.